

Sexualidade: Paradigmas da Descoberta da Sexualidade de Crianças Especiais e seus Pares no Contexto Escolar

The Specialized Educational Service and its Contributions in ter Process of Teaching and Learning

Claudio Noel De Toni Junior¹

Resumo

Entender o sentido da Psicologia da Educação no que tange a educação no âmbito de entender a sexualidade comportamental nos primeiros anos de vida da criança especial, ou seja, aquela que possui algum distúrbio físico ou intelectual como as demais dentro do contexto escolar é compreender as múltiplas escolas que foram se desenvolvendo ao longo dos tempos, na qual contém olhares, é o mundo do escuro, do claro, do barulho, do áspero e do liso. Pode-se dizer que na metade do século XIX, ocorreu o que se denomina de Renascimento da Psicologia, mediante escolas, correntes e doutrinas filosóficas. Sendo a primeira, o Estruturalismo, de Edward Tichener, sendo discípulo de Wundt. Posteriormente tem se a evolução para o behaviorismo que nasce a partir dos estudos de John B. Watson (1878-1958) com grande abrangência nos Estados Unidos ao definir o fato concreto a partir do comportamento do ser humano (behavior), estudos desta temática defendem a ideia de termos como resposta e estímulo para definir uma determina teoria científica ao interagir com a noção do homem com o meio natural. Watson fez com que a Psicologia se tornasse uma Ciência respeitável dentre os estudiosos tal como as ciências físicas, ao mencionar que os psicólogos deveriam estudar o comportamento através da observação e da interação através de métodos objetivos, em 1912 nasce o behaviorismo, ano em que Watson começou a difundir a Psicologia (Mantoan, 1997). O behaviorismo evoluiu de acordo com o desenvolvimento das escolas e da doutrina da Psicologia em seus múltiplos enfoques, bem como continua a exercer forte impacto sobre o comportamento humano em relação à sexualidade da criança.

Palavras-chaves: Psicologia da Educação. Deficiência e sexualidade. A descoberta do corpo no ambiente escolar.

Abstract

To understand the meaning of the Psychology of Education regarding education in the scope of understanding behavioral sexuality in the first years of life of the special child, that is, one that has some physical or intellectual disorder like the others within the school context is to understand the multiple schools that have been developing over time, in which it contains glances, is the world of the dark, the clear, the noise, the

¹ Mestrado em Formação de Professores Pela Universidade de Leon – Unileon, Espanha. Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Junior_toni@terra.com.br

rough and the smooth. It can be said that in the middle of the nineteenth century, what has been called the Renaissance of Psychology occurred through schools, currents and philosophical doctrines. Being the first, the Structuralism, of Edward Tichener, being disciple of Wundt. Later, the evolution of behaviorism that emerges from the studies of John B. Watson (1878-1958) with great comprehension in the United States in defining the concrete fact from the behavior of the human being (behavior), studies of this subject defend the idea of having as answer and stimulus to define a certain scientific theory when interacting with the notion of man with the natural environment. Watson made psychology become a respectable science among scholars such as the physical sciences, in mentioning that psychologists should study behavior through observation and interaction through objective methods, in 1912 behaviorism is born, the year in which Watson began to spread the Psychology (Mantoan, 1997). Behaviorism has evolved according to the development of schools and the doctrine of Psychology in its multiple approaches, as well as continues to have a strong impact on human behavior in relation to the child's sexuality.

Keywords: Education Psychology. Deficiency and sexuality. The discovery of the body in the school environment.

1 Introdução

Nosso objetivo geral neste artigo é compreender a descoberta da criança nos primeiros anos de vida quanto à sexualidade no ambiente escolar. Como objetivos específicos, apontamos as seguintes escolhas de trabalho: a relação psicológica e seu estado dentro do contexto escolar: relação família e escola; o papel dos educadores ao buscarem uma abordagem dentro da Escola tanto para crianças "normais" como para aquelas que possuem algum tipo de deficiência intelectual. Esse será o reflexo de nosso esforço em trabalhar tais problemas na Escola.

Os métodos de ensino na descoberta da sexualidade entre professor e aluno se apresenta como um desenvolvimento sexual multidimensional, intimamente ligado às necessidades humanas básicas de ser apreciado e aceito, exibindo e recebendo afeto, sentindo-se valorizado e atraente, compartilhando pensamentos e sentimentos. Não envolve apenas funcionamento anatômico e fisiológico, mas também se relaciona com conhecimento, crenças, atitudes e valores sexuais. Dessa maneira, a sexualidade deve ser considerada em um contexto que vai além do sexo genital para incluir socialização do papel de gênero, maturação física e imagem corporal, relações sociais e futuras aspirações sociais.

Como todos os adolescentes, os indivíduos portadores de necessidades especiais podem expressar desejos e esperanças de casamento, filhos e vida sexual adulta normal. De fato, os adolescentes com deficiências físicas são tão sexualmente experientes quanto seus pares sem deficiências. No entanto, pais e profissionais de saúde são frequentemente pessimistas em relação ao potencial das crianças com deficiência de desfrutar de intimidade e sexualidade em seus relacionamentos (Blun, 1997).

A partir de Blun (1997), percebemos dois pontos nessa discussão: que as pessoas com deficiência são frequentemente erroneamente consideradas infantis, assexual e necessitado de proteção: por outro lado, eles podem ser vistos como inapropriadamente sexuais ou com

impulsos incontroláveis. Outro dado, pessoas com todas as suas condições normais (psíquicas e físicas) estão mais dispostas a aceitar pessoas com deficiência como colegas ou amigos casuais e menos dispostas a aceitá-las como parceiras de namoro, sexo ou casamento. Desse modo, a sociedade possui barreiras psicossociais que podem ser um obstáculo ao desenvolvimento sexual de um adolescente do que as limitações da própria deficiência.

Os temas centrais são os estímulos e as respostas com ênfase na aprendizagem, os principais objetivos é o conhecimento e a aplicação e os métodos de pesquisa adotados enfatiza a população, ou seja, a estratificação a ser estudado indo além do estudo do homem ao desenvolver estudo sobre “outros” animais.

É a partir disso, que todas as mulheres merecem cuidados ginecológicos apropriados, incluindo crianças e adolescentes com deficiências de desenvolvimento. Durante os primeiros dois primeiros anos após a menarca, os ciclos menstruais anovulatórios geralmente estão associados a sangramento uterino anormal; entretanto, doença tireoidiana, terapia anticonvulsivante e medicações neuropáticas também podem contribuir para esses sintomas.

Com relação a adolescente (a), se ele não for sexualmente ativo, um exame pélvico raramente é indicado. Quando os exames pélvicos são indicados, as mulheres com deficiências devem ser informadas sobre os procedimentos, e instrumentos a serem utilizados e abordados com respeito à sua privacidade pessoal.

2 Pressupostos Intrínsecos: Educação Sexual; Crianças com Deficiência na Descoberta de um Novo Mundo

A partir desse título, entende-se que adolescentes e adultos com deficiências devem estar bem informados ao tomar decisões sobre abstinência, contracepção e gravidez. Pois, alguns medicamentos antiepilépticos induzem a atividade das enzimas hepáticas e diminuem a eficácia dos contraceptivos orais e implantados. O risco de doenças tromboticas em mulheres com deficiência motora precisa ser considerado ao prescrever contraceptivos contendo estrogênio-progestina, como pílulas, adesivos transdérmicos, e anéis contraceptivos vaginais (Blun, 1997).

Da mesma forma, deve ser observado que dispositivos de barreira, incluindo preservativos, capas cervicais e diafragmas, exigem motivação, compreensão cognitiva e destreza física. Além disso, esses dispositivos geralmente contêm látex, que são contraindicados na presença de sensibilidades ao látex. Preservativos masculinos e femininos de poliuretano estão disponíveis, mas oferecem menos proteção contra gravidez e transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), sendo também, mais propensos a quebrar durante a relação sexual quando comparados com preservativos de látex (Blun, 1997).

Sendo assim, os preservativos não látexicos ainda são uma alternativa aceitável. Aqueles com sensibilidade ao látex ou alergia, embora o acetato de medroxiprogesterona de depósito,

um contraceptivo injetável, possa efetivamente minimizar ou eliminar o fluxo menstrual, o uso prolongado tem sido associado recentemente à perda de densidade óssea em mulheres adolescentes saudáveis, que podem não reverter completamente após a suspensão do medicamento.

Assim, os adolescentes que já estão em risco de osteogenia devido a condições médicas crônicas podem ter um risco ainda maior de perda de densidade mineral óssea pelo uso de acetato de medroxiprogesterona de depósito. Historicamente, a esterilização de menores com deficiências de desenvolvimento foi realizada sem a devida consideração por suas capacidades de tomada de decisão, habilidades para cuidar de crianças, sentimentos ou interesses. Tais decisões devem ser tomadas somente no contexto da capacidade do indivíduo de tomar decisões, pois se observa a consequência da reprodução e leis locais, estaduais e federais aplicáveis para uma situação como essa descrita.

A partir de uns estudos e de algumas discussões no meio científico, conseguimos obter alguns resultados intrigantes: a maioria dos adolescentes com mielomeningocele deseja se casar e ter filhos, mas menos de 20% têm procurado informações sobre sua função sexual ou reprodutiva e apenas 16% dos que são sexualmente ativos usam métodos contraceptivos.

Ora, os adolescentes com mielomeningocele e lesão medular têm um único tipo de educação; além de necessidades médicas que devem ser abordadas para desfrutar de uma vida sexual segura e satisfatória. Quando a sensação genital está diminuída ou ausente, maneiras alternativas de apreciar prazer e satisfação sexual devem ser discutidas.

Com isso, a fertilidade é geralmente preservada em fêmeas, mas reduzida em machos com espinha bífida e lesão da medula espinhal. Aconselhamento pré-gestacional deve incluir informar as mulheres com espinha bífida do risco de 5 em 100 de ter filhos com defeitos do tubo neural, o efeito protetor da suplementação com folato e as possíveis complicações associadas à gravidez.

3 Os Problemas Psicossociais na Educação Sexual

Os pediatras, por uma preocupação crescente estão em uma posição única para defender a transição bem-sucedida de adolescentes com deficiência e suas famílias para a vida adulta. Pois, no contexto do lar médico, desempenham um papel crítico no desenvolvimento da sexualidade em crianças com deficiência. Esses profissionais, com isso, visam discutir questões de desenvolvimento físico, maturidade e sexualidade regularmente, começando na primeira infância e continuando durante a adolescência (Siddiqi, 1999).

A ideia por trás desse passo é garantir a privacidade de cada criança e adolescente; ou seja, ajudar os pais a entender como as habilidades cognitivas de seus filhos afetam o comportamento e a socialização. Encorajando assim, as crianças com deficiência e seus pais a otimizar a independência, particularmente em relação ao autocuidado e habilidades

sociais. Estarem cientes das necessidades médicas especiais, tais como exames ginecológicos modificados, proteção livre de látex de DSTs e gravidez não planejada, e aconselhamento genético quando apropriado (Siddiqi, 1999).

Dessa forma, reconhecer que as crianças com deficiência correm um risco maior de abuso sexual e monitorar as primeiras indicações de abuso; advogar pela educação sexual apropriada para o desenvolvimento em ambientes domésticos, comunitários e escolares; encorajar os pais a serem os principais professores de educação em sexualidade apropriada para seus filhos, incorporando valores familiares, tradições culturais e crenças religiosas; assim fornecendo às famílias informações sobre programas comunitários apropriados que abordem questões de sexualidade para crianças e adolescentes com deficiências (Siddiqi, 1999).

A partir desse cuidado, entende-se que não é incomum que crianças pequenas se envolvam em brincadeiras de “médico” ou façam perguntas sobre diferenças genitais do sexo oposto. Todos nós já ouvimos crianças fazerem perguntas sobre sexo e sexualidade que muitas vezes deixam o adulto perturbado para encontrar as palavras certas para responder, por justamente ter essa curiosidade nelas latente e sendo parte de seu próprio desenvolvimento (Siddiqi, 1999).

Notavelmente, há muitas ocasiões em que as crianças são expostas a atos sexuais e material que não é apropriado para sua mente jovem e em desenvolvimento. A exposição a este conteúdo pode ocorrer pela força ou manipulação de uma criança por um adulto, inadvertidamente colocando uma criança em uma situação em que ela vê e / ou ouve coisas que não deveria, ou por um par semelhante com conhecimento mais avançado sobre sexo e sexualidade (Siddiqi, 1999).

A partir dessa premissa, podemos falar que um problema comum que os pais e cuidadores de crianças enfrentam é como lidar com uma criança que está engajada em comportamentos sexualmente inadequados (Siddiqi, 1999). Pois, perguntas são abundantes sobre o que é normal e o que é problemático em crianças pequenas. Muitos dos mitos associados a comportamentos sexuais em crianças ainda são amplamente aceitos pelo público em geral, tornando confuso saber o que está bem e o que não está bem.

Nesse sentido, podemos falar em três mitos com os quais mais nos identificamos por serem divididos como culturais: Qualquer comportamento sexual em crianças é considerado inapropriado; Todas as crianças que têm problemas de comportamento sexual foram abusadas sexualmente; Todas as crianças que se envolverem em problemas de comportamento sexual crescerão e se tornarão perpetradores sexuais (DeLoach, 1994).

Em conformidade com DeLoach (1994), ressaltamos sua similaridade com a Psicologia do desenvolvimento através da eficácia e da evolução das diversas modalidades do que se entende pelo processo de ensino e aprendizagem, como também o ensino que se entende por organização de uma Instituição Escolar, seus paradigmas, diretrizes.

Assim, qual currículo adotar diante dessa realidade da qual falamos? Qual método, seria adequado para essa realidade? Tais questões, nos faz pensar sobre a limitação da própria Psicologia da Educação em estudar e buscar fornecer respostas através de debates, sobre os problemas educacionais das crianças e jovens com deficiência.

Diante dessa realidade, destaca-se o cognitivismo que estuda o entendimento da mente, mediante investigações acerca do conhecimento.

O Psicanalítico através de investigações clínicas, é considerado o profissional que busca através de seus estudos e trabalho tratar da personalidade humana: com predominância da psicanálise para entender o ser humano com base em estudos que envolvem elementos da medicina, compreende relações humanas como a ética e a personalidade cognitiva de cada indivíduo.

O construtivismo baseia-se sobre a inteligência humana através do desenvolvimento da razão entre o homem e o meio, a ideia central é de que o homem não nasce sem inteligência, ele constrói sua inteligência por meio do desenvolvimento do meio em que está inserido, ao formar sua personalidade com suas convicções e anseios, o que acha ser certo, errado no meio social em que está inserido. A deficiência mental como educação inclusiva conforme Piaget e Vygotsky conforme Fernandes e Magalhães (2012) constrói uma dinâmica a qual há perspectivas pontuais de ensino aprendizagem por meio da mediação, da dinâmica do diálogo e da capacitação de pessoas com habilidades específicas para que haja inclusão escolar no ensino- aprendizagem para que estas crianças com (DM) não fiquem isoladas e sim incluídas, no conjunto, como um todo, deixando no passado síndromes como a orgonofrenia, a qual excluía o aluno como elemento ativo e participante no ensino.

Os processos de assimilação e cognição de Piaget, onde a assimilação passa a existir na interface do sujeito no teor empírico de sua existência, onde há possibilidades de aprendizado dentro de um contexto, ao redor de suas possibilidades, na adequação de um método de ensino inclusivo e possível para a criança, dentro do seu ritmo, dentro da sua fisionomia analítica de obter a assimilação necessária para seu aprendizado, por meio de estímulos sensoriais, de esquemas mentais, a acomodação representa o rearranjo de esquemas mentais após sua inserção, pode-se chamar de tempo de maturação, o tempo necessário por meio da técnica usada para que uma criança com (D.M) possa aprender e atingir os objetivos propostos dentro de suas possibilidades utilizadas pelos docentes.

De um outro ponto de vista, as teorias motivacionais se baseiam naquilo que faz bem ao homem e sua interação com o meio em que vive, o que causa os elementos negativos e o que a Educação pode fazer para construir um futuro melhor (Mantoan, 1997). Do mesmo modo, teorias motivacionais permeiam o indivíduo durante todo seu desenvolvimento ao longo de sua vida, envolvem atitudes de mudanças ao longo do meio, atitudes motoras, linguagem, moral e a formação da identidade do indivíduo (Mantoan, 1997). Em um outro formato de pensar a constituição humana, o behaviorismo se apresenta sendo o estudo do

comportamento humano, tendo uma grande aceitação pelo grupo social em que um indivíduo está inserido.

De outro modo, a teoria da Modificabilidade Cognitiva (MCE), formulada por Reuven Feuerstein preconiza a existência de um potencial de aprendizagem existente e motivador que pode e deve ser aprimorado, desenvolvido independente de ser credo, raça, cor ou etnia (Sasaki, s\d).

Com relação a isso que falamos, sobre a Psicologia da Educação, podemos falar de Jean Piaget ao fundar a Epistemologia Genética através das doutrinas e da gênese do pensamento humano, onde ele desenvolveu e estudou que o nascimento dos filhos faz com quem os pais possam observar a criança de forma a identificar seu desenvolvimento cognitivo ao longo dos anos (Bronckart, 2006).

Paratanto, falamos da figura do professor sendo o agente no processo ensino-aprendizagem do aluno, o qual aprende com o “mestre” e vice-versa, rompendo com a estaticidade que havia onde o aluno apenas ouvia e o professor falava de forma impositiva. Nesse novo pensamento, via Piaget, o aluno passa a ser polo ativo da relação e do desenvolvimento da aprendizagem dentro do ambiente escolar em múltiplos contextos: sendo que o professor deve tirar como observação vivenciada por meio de cada singularidade de cada aluno, e assim o ensino se torna um processo de troca de experiências (Bronckart, 2006).

Nessa mesma perspectiva, Vygotsky menciona que o desenvolvimento da criança ocorre por meio de suas interações sociais e com a relação com o meio em que estão inseridas em decorrência de suas condições de vida (Nuemberg, 2008). Dentre suas múltiplas contribuições para a psicologia, destaca-se a aprendizagem psicológica da sociedade camponesa de seu país, a Rússia, ao realizar testes neuropsicológicos, nomeadamente teorias de “Gestalt”, bem como seus estudos sobre deficiência auditiva a qual constrói um modelo construtivista de diálogo e bem estar de assimilação da aprendizagem.

A partir desse momento histórico-cultural, mediante o desenvolvimento da Psicologia, o estudo psicológico passou por uma revolução, pois se estudava o sujeito tendo em mente não apenas o fator cognitivo, mas histórico-cultural.

Rogers (2009), o ponto central em sua teoria através da Psicologia humanista é o aluno que não fica à mercê de apenas ouvir o psicólogo, hoje denominado de Psicoterapeuta e sim de ser um agente ativo na aprendizagem, retrata o ouvir, o escutar, o diálogo para crianças com deficiência.

Como se observa, a terapia centrada no cliente pontua ter tido como intenção ser singular no tratamento com o indivíduo, estudando quais são os paradigmas necessários para que haja evolução da Psicoterapia (Johnson, 1994). Do mesmo modo, Maslow (Castanõn, 2007) destaca a Psicologia humanista mediante o enfoque sobre o behaviorismo onde cita que o humanismo não é uma escola e sim múltiplos de articulações e pensamentos dogmáticos dentro da Psicologia.

Ora, ao mencionar que o homem deveria ser um ser espiritualizado transcendental no tempo em que se vive numa sociedade, criou mediante dogmas) temas centrais da consciência humana e das necessidades humanas. Assim, podemos comparar com a pirâmide de Maslow, na qual estuda que o indivíduo necessita de subsídios para sua existência como: a limpeza, comer, beber e até a satisfação do “*status quo*”, passando por necessidades e educação, trabalho, estudo, lazer dentre outras para que se construa alicerces para uma educação qualitativa e moderna (Giddens, 1991).

O aprendizado de acordo com Rogers (2009) deve ser ativo onde se constrói novas ideias e conceitos através de suas experiências atuais e passadas, a forma cognitiva da construção do conhecimento pode se dar por meio de modelos e formulações mentais adquirido; que permite as pessoas ir além do que já sabem e aprimorar seu conhecimento e novas habilidades

É na relação do comportamento do indivíduo no contexto social, onde esse sujeito aprende através do esforço vicário (mediante a observação do comportamento de terceiros) o estímulo e resposta para a cognição de cada sujeito. Destarte, Feuerstein que a mediação entre o aprendiz e, em especial, as crianças sobreviventes do holocausto, estimulando o pensamento a melhorar e realçar processos de aprendizagem (Stainback; Stainbck, 2007).

4 Considerações Finais

Construiu nos primórdios na Educação escolar de crianças com deficiências, seja ela, mental ou patológica, que em apenas no século XX que se passou a dar atenção e formas de construção dialógica no campo humanista para que as mesmas possam estar inseridas no ensino –aprendizagem ante a loucura, a “isteria”, o isolamento, de séculos anteriores.

Os modelos inclusivos propostos pelos autores mencionados mostram várias formas de inserção, por meio de currículo e métodos a ser alcançado um objeto otimizado de aprendizagem, quando o docente construtivista possui um método de ensino, ele pretende que seu método embasado em teorias construtivistas tenha resultados positivos, a teoria aplicada na prática e que a prática funcione para o aprendizado em crianças com deficiências e patologias associadas.

Há grandes diferenças do ensino aprendizagem e sua inclusão no modo de ver a criança com deficiência em países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento, a qual nos primeiros há maior interação e compromisso da sociedade em incluir este público alvo, ao inverso no Brasil há grande debate de inclusão em escolas regulares ou especiais, fato primórdio no objeto de ensino –aprendizagem superado em muitos países.

A visão é de que não importa se a criança com deficiência está em uma escola regular ou especial, fato já enraizado em países de elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) como Finlândia, Suécia, etc, o que importa é que haja planejamento, métodos e currículo, além de plano de ensino inclusivo para que apendam no seu ritmo e no seu tempo, o que

denota que enquanto o Brasil se desgasta com testes de que a criança deve estar em uma escola “normal” ou em uma especial, ou regular deveria se pensar mais na criança, no seu método de inclusão e não no lugar onde se dará este aprendizado.

Entretanto, a simples inclusão de alunos com deficiências em salas de aula do ensino regular, não resultam em benefícios de aprendizagem. Tem sido continuamente observado que, alunos com níveis diferentes de deficiência aprendem mais em ambientes integrados onde lhes são proporcionados experiências e apoio educacionais adequados, do que quando estão em ambientes segregados (Goleman, 1985).

De uma outra maneira de falar, observamos o seguinte:

O único contato que tínhamos com as crianças “normais” era visual”. Olhávamos umas para as outras. Nessas ocasiões posso relatar meu próprio sentimento: constrangimento, posso também relatar o sentimento delas: credo! Nós, as crianças da “classe especial”, internalizavam a mensagem do “credo” e mais algumas outras. Conforme estudo de caso que descreve: Estávamos na escola porque as crianças vão para a escola, mas éramos proscritos sem nenhum futuro ou expectativa. ” Outra pessoa com deficiência que foi segregada em seus anos escolares declarou: “Eu me formei... totalmente despreparada para o mundo real. “Então, ficava em casa o dia todo, trancada achando que conseguir um emprego era algo completamente fora de questão (Linkert, Rensis, Linkeitt, 1979).

Desse modo, a função da Psicologia é estudar a natureza dos estados mentais do homem, sua cognição. E assim, podemos falar que ela tem como tarefa corroborar com a discussão e inclusão das crianças com deficiência, sendo uma ferramenta de trabalho para manter e apoiar nossa pesquisa em novos caminhos, no que se refere a investigação desse artigo.

Referências

- Bronckart, Jean-Paul. (2006). Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano. Campinas: Mercado de Letras.
- Castañon, G, A. Psicologia Humanista: a história de um dilema epistemológico. Universidade Estácio de Sá Universidade Católica de Petrópolis, V.12, 2007.
- Coll, C. Psicologia e Currículo. São Paulo: Ática, 1996.
- Contini, M.L.J. O Psicólogo e a Promoção de Saúde na Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- Davis, Keith. Comportamento Humano no Trabalho. Pioneira, S.P. 2000.
- Fernandes, M, L, C, N; Magalhães, S, M, da C. (2012). A deficiência mental na perspectiva de Piaget e Vygotsky. Artigo encontrado na seguinte plataforma: <https://introdunb.wordpress.com/2012/10/21/a-deficiencia-mental-na-perspectiva-de-piaget-e-vygotsky/>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.
- Giddens, Antony. As Consequências da modernidade. SP, UNESP, 1991.
- Goleman, Daniel. Inteligência Emocional. Editora objetiva LTDA. Rio de Janeiro, 1995.
- Johnson, T. Inclusive Education. ONU, 1994. Traduzido por Maria Amélia V. Xavier. Biblioteca da APAE – São COLL, C.; PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (Org.) Desenvolvimento psicológico e educação: Psicopedagogia institucional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. BRASILIENSE, 06 de fevereiro de 2006 – Folha “Trabalho e Formação Profissional”.
- Kunsch, M. M. K. (2010). A dimensão humana da comunicação organizacional. In: A comunicação como fator de humanização nas organizações. São Caetano do Sul: Difusão Editora, p. 41-60.
- Kunsch, Margarida M. Krohling. Relações Públicas e modernidade: Novos paradigmas na comunidade organizacional. SP: Summus, editorial, 1997.
- Linkert, Rensis e Linkeitt, Jane. Administração de Conflitos – Novas abordagens. S.P. Editora Mcgrawhill. 1979.
- Mantoan, Maria Tereza Eglér. Inclusão. Empresar: O que é? Por quê? Como fazer? Editora Moderna. 1997
- Moscovici, F. Desenvolvimento Interpessoal. Rio de Janeiro, 1985.
- Nuernberg, A, H. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. (2008). In: Psicologia em Estudo. Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun.
- Porter, Gordon L. A Educação de funcionário e com necessidades especiais educáveis. New Brunswick, Canadá – Biblioteca da APAE/São Paulo.
- Rogers, C. Tornar-se pessoa. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2009.
- Sasaki, Romeu. Inclusão. Construindo uma sociedade inclusiva para todos. WVA - 2ª Edição. (Ano da publicação?).
- Stainback, S. e Stainback W. Inclusão – Um guia para educadores. Artmed Editora Porto Alegre, 1999.